A ÁGUIA

ORGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

22

100 rs.

ESTE SUMÁRIO É DO N.º 17.

A ÁGUIA Revista mensal de literatura, arte, sciência, filosofia e crítica social — Directores: Teixeira de Pascoaes e António Carneiro. Secretário da redacção, editor e administrador, Álvaro Pinto. Correspondentes: Paris — Philéas Lebesgue; Salamanca, Miguel Unamuno; Barcelona, Ribera y Rovira; Baía, Almáquio Diniz.

Propriedade e órgão da RENASCENÇA PORTUGUESA

Redacção e Administração — R. Sá da Bandeira, 363-2.º Pôrto — Tipografia Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27 — Pôrto.

SUMÁRIO DO N.º 22 (2.ª série) — Maio de 1913.

17 mesmo!!

ASSINATURA *(Pagamento adeantado)*

	Semestre	Anno
Portugal e Espanha	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia	600 rs.	1$200 rs.
Estrangeiro	3 francos	6 francos.
Brasil	3$000 rs.	6$000 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas. Em Coimbra, F. França & Armenio Amado. Em Lisboa — Livraria Ferreira; Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da redacção, **para a R. Sá da Bandeira, 363-2.º, Pôrto.**

No Rio de Janeiro, a agência das publicações da "Renascença Portuguesa" é na casa A. Moura, R. da Quitanda.

Biblioteca da «Renascença Portuguesa»

		BRASIL
A Águia (2.ª série) — I ou II vol. brochado	600	3$000 réis
» » » — I ou II vol. encadernado	800	4$000 »
» » » — III vol. (Em publicação).		
A Vida Portuguesa — quinzenário — Publicados os n.os 1 a 13.		
Regresso ao Paraiso — *Teixeira de Pascoaes*	500	2$500 »
A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro*	400	2$000 »
Esta Historia é para os Anjos — *Jaime Cortesão*	100	500 »
O Espírito Lusitano — *Teixeira de Pascoaes*	100	500 »
A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão*	100	500 »
O Criacionismo — *Leonardo Coimbra*	800	4$000 »
Romarias — *A. Correia de Oliveira*	100	500 »
A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira* .	100	500 »
A Primeira Nau — *Augusto Casimiro*	100	500 »
Cintra — *Mário Beirão*	100	500 »
O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes*	200	1$000 »
Daquem e dalem Morte — (Contos com ilustrações de Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho) — *Jaime Cortesão*.	600	3$000 »
O Último Lusíada — *Mário Beirão*	500	2$500 »
O Génio português na sua expressão poética, filosófica e religiosa — *Teixeira de Pascoaes*	300	1$500 »
Elegias — *Teixeira de Pascoaes* (No prelo).		
Camilo Inédito — Notações de *Vila-Moura* (No prelo).		
Só (3.ª edição) — *António Nobre* (No prelo).		

OUTRAS OBRAS:

As Sombras — *Teixeira Pascoaes*	500	2$500 réis
Despedidas — *António Nobre*	800	4$000 »
A Morte da Águia — *Jaime Cortesão*	500	2$500 »
A Arte e a Medecina — *Jaime Cortesão*	500	2$500 »
A Victoria do Homem — *Augusto Casimiro*	400	2$000 »
A Vida mental portuguesa — *Vila-Moura*	500	2$500 »
Vida literaria e politica — *Vila-Moura*	500	2$500 »
Portugal y Galícia Nacion — *Ribera y Rovira*	600	3$000 »
Vida Politica — *Luís Camara Reis*	600	3$000 »
Contos de Março — *Luís Camara Reis*	600	3$000 »

Os sócios da "Renascença Portuguesa,, têm direito a um abatimento de 50 %.

Vendem-se capas para cada um dos volumes da 2.ª série a 160 réis

---

ÁGUIA — 1.ª série

Estando já reimpresso o n.º 1 da 1.ª série, que estava esgotado, satisfazem-se pedidos da colecção inteira, desde que venham acompanhados de 520 réis para o país, ilhas, colónias e Espanha, 3 francos para o estrangeiro e 2$500 rs. fracos para o Brasil.

RETRATOS de ANTÓNIO NOBRE, JOÃO DE DEUS e VICTOR HUGO, no formato de 25×33, e segundo desenhos de António Carneiro, vendem-se a 60 réis, 30 céntimos e 500 réis fracos, respectivamente.

EPISTOLAS AOS SAUDOSISTAS

I

eixando de lado os devaneios secundarios e adjacentes, três pontos de vista na saudade importaria .esclarecer, atinentes ao prestimo possivel que ela tivesse para vós outros:

1.º Que é realmente a saudade;
2.º Que representou ela nas nossas letras;
3.º Que poderia ela representar hoje.

Como não sejam os longos dizeres os adequados a leves temas, telegraficamente me explicarei sobre cada um destes três pontos.

A saudade contêm, como todo o estado de consciencia, um elemento representativo e um elemento volicional. Mas não são esses que caracterizam a saudade; o que caracteriza a saudade é um certo quê de *sentimento*. Porisso Garrett, o poeta, a definiu bem, e Duarte Nunes, o jurista, a definiu mal...

(Não perdeis nada, ó neo-lusos, abandonando este papá, que Cristovão de Moura comprou para seu amo Filipe II.)

O Saudosismo porêm sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: "lembrança de alguma cousa com desejo dela„; e Pascoais propõe esta: "a velha lembrança gerando o novo desejo.„

Ora, repito que sendo a saudade uma nuança de sentimento, muito bem a definiram Garrett e D. Francisco Manuel em termos de sentimento,—e que foi maravilha de espantar que Duarte Nunes e Pascoais se lembrassem de a definir em termos de vontade e representação. O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma caracteristica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude facto geral de toda a animalidade. Exemplificando:

Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalissimo de sentir a carne do agressôr comprimida entre os seus caninos e... zás, estão daí vocês a vêr a scena. Que se passara na consciencia do animal? Nada de extraordinario: uma velha lembrança gerando um novo desejo:—a saudade (definição de Pascoais.)

Suponha-se agora o dono do cão a comêr uma iguaria nova, e ao lado dele o seu cachorro. O dono estende-lhe um pedaço, e o focinho duvidoso aproxima-se, fareja, estende a dentuça, mastiga

incerto, engole. Gostou. Passam-se dias. O cão vê o dono a comêr o tal petisco, e logo se aproxima, de venta ávida. Que foi? A lembrança de uma coisa com o desejo dela,—a saudade (definição de Duarte Nunes.)

Na vossa obra ha coisas belissimas,—mas não são as *saudosistas*. O *saudosismo* representa, se me permitem a franquêza, uma idea artificial e convencional da literatura. O que vale em arte é o que sai espontaneamente do temperamento do artista e das circunstancias da sua vida...

Houve com efeito muita saudade na literatura portuguesa; mas teve ela suas causas nas condições sociais dos idos tempos. Assentemos isso: tinha a sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês teimam em resuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela idea absurda de que certa maneira de certa epoca é uma maneira absoluta, a que nos teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*.

A saudade não era, como agora, premeditada; não foi um programa literario, uma combinação entre poetas, um *mot d'ordre*, uma mania, uma taboleta, um artificio. Não houve mote decretado, para que os discipulos obedientemente e uniformemente glosassem. Repito que teve, meus amigos, suas causas sociais, as quais hoje já não existem.

Ninguem havia previamente combinado escrever assim. A saudade foi resultante de *verdadeiros* apartamentos.

Uns arrastavam-se pelas Indias, "escuro cáos de confusão„: umas Indias infinitamente mais remotas do que as de hoje, não só porque o espirito europeu as não tinha penetrado, mas tambem porque a tornada era um desejo extremamente vago e longinquo, uma travessia muito longa, cheia de perigos e de incertezas...

Para outros era o apartamento amoroso sem saír de Portugal: apartamento resultante das condições sociais daquela epoca. Repito e trerepito, porque não é de mais repeti-lo. Os reis Dons Manueis casaram as *Aonias* aos *Filenos*, deixando o poeta a ver navios, e com as saudades correlativas; as Marias Brandões eram internadas nos Conventos e obrigadas a casar com quem o papá lhes arbitrava. Estes duros casos bem reais impuseram o assunto aos Bernardins. Havia a autoridade absoluta, politica ou familial, que vinha lançar entre os amantes os Luises da Silva e Peros Gatos...

Mas vocês juraram agora fabricar a saudade artificialmente, sem os ingredientes necessarios: sem o rei absoluto e o pai tirano, sem o Convento e sem o Gato. E' impossivel, meus santinhos, é absurdo. A culpa não é minha, nem dos meus colegas estrangeirados: não fomos nós que destruimos essas coisas pavorosas. "A humanidade avança„, diz um dos Cardiais do snr. Dantas. E' pena, é,—mas que querem vocês que lhes eu faça?

O cristão-novo por seu turno era um desterrado na propria terra, quando o não era em terra alheia, como Judas Abarbanel. Membro de uma sociedade cuja maioria o odiava, comprimido,

abafado pela desconfiança e má vontade, vivia na mais falsa e angustiosa das situações morais, com a lusitanante Inquisição a cubiçá-lo, ávida de uma fogueira *purificadora* por via de um naco de toicinho que o desgraçado não comesse...

Modernamente um Herculano escreveu versos que inspiraram o *Desterrado,* de Soares dos Reis. Mas ha duas circumstancias que peço licença para lembrar: Herculano poetou realmente no exilio; Soares dos Reis esculpiu na Italia o *Desterrado,* e foram ambos, pelas circunstancias da sua vida, solitarios.

Porém vocês, meus amigos, criaturas alegres e sociáveis; pacatamente instalados na patria amada, donde ninguem vos tira e onde vos amam todos; felicissimamente casados com as eleitas das vossas almas, ou em vias de matrimonio sem estorvos de maior; vocês, proprietarios uns, professores ou filhos-familias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões,—de que raio teem saudades vocês todos, santo Deus?

Dizem que o saudosismo está de acordo com o espirito contemporâneo. Essa pretenção, como todas as do saudosismo, é precisamente o contrario da verdade. Não poderia ser o desacordo mais perfeito, nem o absurdo mais sensivel.

A afirmação caracteristica e fundamental do espirito contemporaneo é o mobilismo, o avanço, a tendencia para diante, o desejo da acção e da vida ascensional. O pensar do nosso tempo concebe essencialmentc a vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inercia, contemplação do passado, amor de cristalisar ou mumificar o que já foi...

A saudade não fica definida pela "lembrança de uma cousa com o desejo dela„, como quer o Duarte Nunns; ha um certo *quid* sentimental que torna essa lembrança em saudade; mas,—como já disse,—a saudade contém como elemento representativo-volitivo essa lembrança de uma coisa com o correspondente desejo dela,—e por consequencia, o desejo do passado.

Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos, e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade,—o horror do novo, o odio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do dever. Para o velho só merecem estimação as coisas do seu tempo,—a juventude do seu tempo, os costumes do seu tempo, as cantôras do seu tempo. Toda a variação foi uma queda, e todo o mobilismo o indispõe. A' mãe que vive na saudade do filho morto quantas vezes lhe ouvimos nós, mostrando-nos um quarto ou gabinete:—"*Está tudo exactamente como ele deixou. Não consenti que se movesse uma pena!*„

Se a Camões lhe perguntasseis o que a saudade lhe pedia, ele decerto vos dissera que *fixar,* indefinidamente, o seu encontro com Natercia.

Por estes exemplos se vê claro como a saudade contém,

essencialmente, a repugnancia á variação e a negação do mobilismo. A saudade é por isso um gosto amargo, como muito bem afirmou Garrett: o gosto do passado e a amargura da mudança.

Poderia haver maior contradição com todas as tendencias sociais, filosoficas e religiosas do nosso tempo?

II

O nosso querido Poeta e chefe do Saudosismo, entre as afirmações da sua enciclica sobre o *espirito lusitano*, não se esqueceu de dar o dogma que serve de base a todos os outros:

"Nós somos, na verdade, o unico povo que pode dizer que na sua lingua existe uma palavra intraduzivel nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra saudade é intraduzivel. O unico povo que sente a Saudade é o povo português, incluindo *talvez* o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela..."

Ora ahi está, meus amigos: só o povo português sente a saudade, e só o povo português tem para ela uma palavra, palavra magica de que brota a sciencia, a filosofia, a religião... Note-se: as definitivas, verdadeiras, absolutas...

O dogma do privilegio exclusivo da palavra é muito velho; o do privilegio exclusivo do sentimento, claro está, é novissimo. Novissimo e naturalissimo. Como poderia um lusitano do seculo XX conceber que se pudesse ser estrangeiro e sentir saudades? Creio mesmo que somos demasiado generosos em conceber que se possa ser estrangeiro. Como é que diabo se pode ser estrangeiro? Como é que diabo se pode sêr, já não digo persa, mas francês, inglês ou italiano?

Seja como fôr, evidentemente um homem que diz *moonlight* por *luar*, jamais poderá sentir saudades.

Antes de agora se converter em dogma, a crença na palavra exclusiva já vinha de D. Duarte até Garrett.

"A palavra saudade,—escreveu este, por mil oitocentos e vinte e tantos—é porventura o mais doce expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paises o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa..."

Em mil oitocentos e vinte e tantos, Garrett claro está que não julgava o sentimento da saudade exclusivamente português. Para Garrett o estrangeiro existia, e era gente. Mas julgava ainda só portuguêsa a palavra. Em 1913 certamente não creria uma cousa nem outra. De 1825 a 1913 o universo caminhou,—por muito contrario que isso seja aos sentimentos do saudosismo.

Ainda eu não era nascido já o filologo Manuel de Melo refutára decisivamente o futuro dogma da palavra magica.

Com efeito, muito ao contrario do que Pascoais afirma, a palavra saudade é traduzivel. Varias nações a representam por um termo especial: o galego tem *soledades, soedades, saudades;* o catalão, *anyoransa, anyoramento;* o italiano, *desio, disio;* o rumeno, *doru,* ou *dor;* o sueco, *saknad;* o dinamarquês, *Savn;* e o islandês, *saknaor*...

Eles, porém, menos iluminados que nós outros, apesar de terem Ibsens, Ardigos, Höffdings, não se lembraram de construir a filosofia definitiva e suprema do *anyoransismo,* do *desiismo,* do *doruismo,* do *saknadismo,* do *savnismo,* do *saknaorismo*... Saknaorismo é catita! Meus queridos amigos, meus confrades, meus irmãos da Renascença: é o que vocês são em islandês: *saknaoristas!*

Espero que leiam, meus amigos, as *Notas lexicologicas,* de Manuel de Melo, e por isso me limito a pequeninas citações:

Tratando das *doinas,* canções melancolicas dos rumenos, escreve o rumeno Cratiunesco:

> "Le principe de leur inspiration, c'est le *doru,* sentiment qu'il est plus aisé de décrire que de définir. Ce mot semble venir du mot latin *desiderium,* dont il exprime toutes les nuances: le regret d'un bien perdu, le chagrin que cause son absence, l'espérance de le recouvrer, le désir d'un bonheur, que l'on ne connait point encore et l'ivresse qui en accompagne la possession. Le retour ou la mort d'un ami, la complaisance ou l'infidelité d'une maîtresse, le charme ou la tristesse de la nature, la grandeur ou l'abaissement du pays, excitent dans les coeurs roumains ce sentiment étrange, à la fois doux et cruel, et que souvent la mort seule éteint. C'est quand le *doru* le travaille, que le paysan chante ses plaisirs et ses chagrins, ses héros, son histoire: son âme alors est une source intarissable de poésie.„ (*)

Na tradução francesa de uma composição do poeta Alecandri, *doru* ou *dor* é vertido por "désir mêlé de regret.„

Passando á Italia, encontramos o disio-saudade por exemplo em Dante, no oitavo canto do *Purgatorio:*

> Era giá l'ora che volge il disio
> Ai naviganti, e intenerisce il cuore
> Lo di che han detto ai dolci amici addio;
>
> E che lo nuovo peregrin d'amore
> Punge, se ode aquilla di lontano,
> Che peja il giorno pianger che si more.

que Fiorentino traduziu desta forma: "C'était déjà l'heure qui réveille les regrets des navigateurs et attendrit leur âme„, etc.

(*) *Le peuple roumain d'après ses chants nationaux,* 2.me éd.. 1874, pg. 64

V. para tudo Manuel de Melo, obra citada.

¿E o galego, que, segundo Pascoais, *talvez* tenha tambem a saudade, não poderá reclamar maiores direitos? Pascoais cita A. A. Cortesão, que ensina ter começado a palavra *saudade* a ser empregada, *com a grafia de soidade*, por D. Dinis ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano. O testemunho do egregio erudito é antes perigoso para o *saudosismo*, se o compararmos com uma nota da pagina 59 do artigo *De la poesia popular gallega*, publicado na *Romania*, tomo VI, Paris, 1877, por Milá y Fontanals: "Los Portugueses tienen la palabra *saudades (soledaaes* cast.; *anyoransa, anyorament* junto com *anyorar* y *anyorarse*, cat., en ciertos casos *regret* fr., y *desiderium* lat.). De esta palabra han usado y abusado los poetas portugueses modernos. La forma GALLEGA *soidade* se halla ya en el rey Deniz."

Se já em 1877 parecia que abusavamos da *saudade*, genuina invenção portuguesa que teria começado a empregar-se debaixo de uma forma não portuguesa,—que diremos hoje, Pai do Céu!

Soledades, soedade, saudades, soidás, ocorrem vulgarmente nos poetas da Galiza. Repetirei aqui dois exemplos:

Digoch' este adios chorando
Desd' á vairiña do mar.
Non m'olvides queridiña,
Si morro de *soidás*...
Tantas legoas mar adentro.

Ela honesta está escoitando.
Mais con suspiros responde,
Qu'aló guarda non sei donde
Saudades de non sei cando.

(ROSALIA CASTRO. *Cantares galegos)*.

Vamos agora ao catalão. Das formas citadas a primeira ocorre na *Cansó del siti* de Frederich Soler:

Yá 'm migrava la anyoransa;
Ya girona, en mitz sod dol,
Non tenia mas consol
Que 'l consol de venjansa.

Da forma *anyorament* dá exemplo a ode *A' lingua catalã* de Marte y Folguesa:

¡Y qu'es dols allá enreza del mar, en llunyras terras,
pe'l catalã que's troba ferit *d'anyorament*,
sentir' la veu amiga que amplena nostras serras
pogué' parlá' una estona sens traduhir l'accent!

E que mais? As proprias gentes do norte, parentes dos homens do *moonlight*, lá teem tambem a sua saudade. E' o que nos ensina George Marsh, nas *Lectures on the English Language*, publicadas por W. Smith, 5.ª edição, 1868, pg. 55, nuns incidentes dizeres que assim traduzo:

"A palavra portuguesa saudade, que exprime um afectuoso, pesaroso anceio (an affectionate, regretful longing) por um objecto amado perdido ou ausente, tem sido julgada por portugueses como peculiar á sua propria lingua, e como não tendo equivalente em nenhum outro idioma europeu. No entanto ocorre uma palavra similar com o mesmo sentido geral, e muitas vezes com a mesma precisa significação, em islandês, sueco e dinamarquês, nas respectivas formas *saknaor*, *saknad* e *Savn*."

Concluo pois de tudo isto que não ha motivo para desesperar de que os bárbaros estrangeiros atinjam á nossa civilização. Pelo menos os italianos, os suecos, os norueguêses e os dinamarquêses. Eles teem a saudade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Mossos, Ferreros, Ferris, Garofalos, Teslas, Lucianis, Marconis, Lombrosos, Croces, Ibsens, Bjoernsons, Brandes, Nobels, Strindbergs, Hoeffdings, e outros espiritos que, sem grande exagero, podemos considerar civilizados. Não desanimar, caramba! Não desanimar! Com mais algum esforço chegarão ao *saudosismo*.

E' o que do coração lhes deseja o vosso

António Sergio

A HORA DA PRECE

A Vila Moura

Cale-se a voz do mar, durmam as ondas mansas,
Tombem as velas no convês da nau veleira...
Nasça o luar beijando o berço das creanças,
Venha a noite embalar, materna, a terra inteira...

—Vento, pára o corcel, apeia-te! (Descanças
Vendo os astros florir...) O' alva amendoeira,
Noiva,—penteia ao luar tuas nevadas tranças...
(Parece dia, dia claro, á tua beira...)

Astros do ceu—florí,—olhos que o luar desmaia,
Astros, lirios do ceu!... E a noite perfumai-a
De misterio e de Alem... (Cala-se ao longe o Mar...)

"Terra de Portugal..." E ponho as mãos... E' a hora
Das orações... "O' ceu na terra, ó meu Sol fóra!
Patria do Mar, jardim, horto florído, altar!"

Augusto Casimiro

Os meus comentarios ás duas cartas de Antonio Sergio

Vejamos a primeira carta do ilustre escritor, onde palavras de belicoso génio galhofeiro, se infileiraram contra a Saudade... invulneravel como as creaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue.

Antonio Sergio não admite a definição de Duarte Nunes para tecer os seus louvores á de Garrett. Ora, a verdade é que a d'este não contradiz a d'aquele; sómente a de Garrett é menos completa que a de Duarte Nunes, e, por isso, preferimos a primeira. Duarte diz que a *Saudade* é a *lembrança* de alguma cousa com *desejo* d'ela; Garrett diz que a Saudade é um delicioso pungir, um gôsto amargo... *Gôsto amargo* implica a fusão do prazer e da dôr. A grande sintese para que tende o espirito humano, como veremos adeante, está estabelecida, ainda que d'um modo vago...

Duarte Nunes foi mais claro: apresenta a lembrança (simbolo do Espirito) e o desejo (simbolo do Animal) como sendo os intimos elementos da Saudade, a qual verdadeiramente interpretada, se torna, portanto, a nova Virgem christianissima e pagã, a celeste harmonia por que anceia a nossa pobre vida moderna, embrutecida de estreito materialismo mercantil, rastejando na baixeza das cousas e dos sentimentos, longe d'essa pura atmosfera espiritual que purifica as almas e lhes dá alma, alegria, nova Fé, victorioso esfôrço.

Nada quero saber do caracter de Duarte Nunes. Só me interessa a vida do seu espirito que n'ele, como em todos os sêres, é sempre intangivel e inocente.

Antonio Sergio confessa todavia que o que caracterisa a Saudade, é um certo *quid* de sentimento. Perfeitamente. E' n'esse *quid* que existe a sua essencia original, representativa d'uma Raça autonoma. Pois saiba o ilustre escritor que esse *quid* se contem na definição de Duarte Nunes e na minha. Consideramos a Saudade um sentimento-sintese, um sentimento-simbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois principios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espirito e Materia, Desejo e Lembrança, Dôr e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte.

Antonio Sergio não quiz compreender assim, e affirma erradamente que nós não definimos a Saudade, mas um rude facto geral de toda a animalidade. E como prova, apresenta uma chalaça canina que pode fazer arreganhar os dentes... só para rir, é claro.

Sim, meu caro amigo, eu conheço alguns cães bem mais capazes de sentirem a saudade que certos sêres da especie humana

ESTUDO PARA O QUADRO "A CEIA„

De António Carneiro

Quanto mais conheço os homens, mais amo os cães, dizia Lamartine.

A Saudade, como todos os sentimentos, é susceptivel de graus inferiores e superiores. Ha a saudade rudimentar acessivel talvez ás proprias arvores; e entre esta e a *saudade lusiada,* ha outros graus decerto não só comuns a todos os Povos, mas tambem a todos os sêres vivos... A saudade d'um belo almoço em dias de fome, d'uma esposa, d'um filho, etc., evidentemente que é um sentimento comum de todos. Pretender o contrario seria infinitamente ridiculo!

A Saudade de que eu falo, a Saudade profundamente nossa, a Saudade que nos interessa, é aquela que o Povo cantou n'esta quadra:

> De qualquer forma que existas
> E's a mesma Divindade;
> Ventura quando te vejo,
> Se te não vejo, Saudade.

E a de Camões:

> ... a Saudade
> D'aquela santa cidade
> D'onde est'alma descendeu.

Não ha grande Poeta português que não viva dramaticamente esta *Saudade.* E' ela a dolorosa essencia metafisica da nossa autentica literatura, incluindo a Poesia popular. E' a *Saudade do céu,* divina sêde de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poetica atitude perante o Misterio infinito!

Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzivel, que é da nossa Raça, porque é de origem collectiva, e encontra a sua mais alta expressão no Cancioneiro do Povo:

> Chamaste-me tua vida,
> Eu tua alma quero ser;
> A vida acaba com a morte,
> A alma não pode morrer...

Byron traduziu para inglez esta quadra, por ser popular, porque lhe revelou o genio transcendente d'uma Nacionalidade.

A Saudade lusiada é religiosa, creadôra de nova vida que deve dar uma finalidade superior á nossa Raça transviada.

Se ela nos antigos poetas (Camões, o Povo, Benardim, Garret, Bocage, Antonio Nobre, etc.) aparece sob a sua forma ainda infantil e instinctiva, é certo que os modernos poetas lhe têm dado consciencia iluminada, e o seu vulto indeciso de outrora, vae-se definindo em perfeita Imagem divina.

Deixe-me frisar ainda o seguinte: o que torna este alto Sentimento extraordinario e nosso, é o haver nascido da alma collectiva do Povo e não do temperamento excepcional de certos individuos.

Que importa que entre os outros Povos, apareça um ou outro individuo que sinta e viva a Saudade?

Eduardo Schurée, por ex., na sua obra "Evolução religiosa da Esphinge ao Christo„, chega a conclusões saudosistas. Quer isto dizer que a alma da França seja igual á nossa? De forma alguma. Pode ser maior, mas não irmã.

Em Portugal, o primeiro poeta da Saudade foi, é e será o Povo. Eis a razão porque ela nos pertence exclusivamente. E, por isso, eu não me canço de afirmar que existe na Saudade a luz orientadora do nosso espirito. Compete á geração actual e ás que vierem, dar-lhe uma alta consciencia, convertê-la n'uma força espiritual que nos redima, que leve os portugueses a abrirem com suas proprias mãos, a porta do Futuro.

No campo poetico e mesmo filosofico (vid. Obras de Leonardo Coimbra), alguma cousa se tem feito já. Nas minhas conferencias tentei apenas definir em formas ligeiras e acessiveis, o que poetica e, portanto, dispersivamente, se contém nas obras de alguns modernos escritôres e artistas.

Já vê o meu caro colega que não se trata de *Saudosismo* preconcebido, de codigo literario, de formulas artificiaes ou cousa que se pareça.

Tambem erra, meu caro amigo, quando afirma que a Saudade é retrograda e paralitica, o que, aliás, se depreende do já exposto. Não resulta ela da combinação activa e amorosa dos dois principios da Vida? Na Saudade, o desejo e a lembrança perpetuamente se casam e fecundam, porque ela é o simbolo da Naturesa, desenhado pelo nosso espirito lusiada... D'aqui tirou Leonardo Coimbra a sua filosofia creacionista, a filosofia da maior mobilidade, anti-cousista por excelencia, que só vê no Universo o seu constante devenir, a sua eterna creação espiritual.

Sim: a Saudade é a grande creadôra do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração expontanea ou caido miraculosamente das estrelas.

Ela construe o Futuro com a materia do Passado. O meu querido camarada parece querer eliminar o Passado. E' apenas um belo gesto quixotesco... O Passado é indestructivel, n'ele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tiveramos Passado! Ai, da arvore, sem profunda terra onde mergulhar as raizes! Não pode fructificar.

Agora a segunda carta.

Diz Antonio Sergio que eu considero como absolutas, definitivas, a filosofia, a religião, contidas na Saudade. Se a Saudade é o simbolo da Vida na sua eterna transformação creadôra, emquanto a Vida não mudar de naturesa ou emquanto se não demonstrar que ela é a eterna ausencia de movimento, a eterna inação esteril, é certo que o sentido da Saudade é verdadeiro, definitivo, absoluto, pelo menos, humanamente falando... Mas eu jámais afirmei que a concepção estetica, filosofica ou religiosa compreendidas na Sau-

dade sejam absolutas, verdadeiras, definitivas. Seria contradizer a propria essencia do nosso divino Sentimento. Saudade é creação, perpetuo casamento fecundo da Lembrança com o Desejo, do Mal com o Bem, da Vida com a Morte... De resto, deixe-me dizer-lhe: *verdadeiro* é tudo aquilo que o espirito concebe. Uma ideia, emquanto vive, é verdadeira. Ora nós, em Portugal, precisamos d'uma *Verdade* que seja a nossa razão de ser. Concorda?

Finalmente, o meu bom e admirado colega, quer demonstrar que a Saudade pertence a outros povos, além do português e que ha palavras em outras linguas equivalentes á palavra Saudade.

Apresenta, como prova, o que diz Garrett e que eu transcrevo aqui para comodidade do leitor: „é, porventura, o mais dôce, expressivo e delicado têrmo da nossa lingua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa.„ Quem ler sem preocupações anti-saudosistas, estas palavras do genial auctor do "Frei Luiz de Souza„ nota que ele admite (pudera não!) que um francês, inglês ou sueco ou cafre ou chinês exilado, sinta nostalgias da patria ou chore a perda d'uma cousa ou pessoa querida; *mas julga* a palavra *intraduzivel*... Acredita, portanto, que este sentimento, creando, entre nós, uma palavra propria, adquiriu, na alma portuguêsa, uma feição original, o tal *quid* de que Antonio Sergio falou na sua primeira carta. Garrett caiu n'uma certa contradição...

Todas as linguas têm as suas palavras intraduziveis. São elas que mostram o que ha de original e caracteristico na alma d'um Povo. Que quer dizer palavra intraduzivel? Quer dizer que o seu sentido é propriedade exclusiva dos que falam a lingua de que faz parte tal palavra. Para Garrett, existe, portanto, na Saudade qualquer cousa que só pertence aos portugueses.

E' pelos cantos populares que se pode conhecer como vive n'um povo um determinado sentimento. O nosso Cancioneiro é a maior prova da naturêsa essencialmente lusitana da Saudade. Não ha outro povo, além do catalão, que a compreenda e viva como nós. E assim se explica a profunda e já secular simpatia que prende as duas nacionalidades da Iberia.

Afirmei isto na minha segunda conferencia—"O genio português„ depois de ter lido o "Portugal litterari„ e as "Atlantiques„ do eminente escritôr catalão Ribera y Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a unica tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é proprio de catalães e portugueses. Exclue, portanto, os outros povos. Não faló na Galisa, porque a Galisa é ainda Portugal.

De resto, na 2.ª quadra que cita de Rosalia de Castro, vê-se que a ilustre poetisa adoptou o nosso vocabulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós tambem temos as duas palavras.

Quanto á opinião dos estrangeiros citados, de que em outras

linguas ha palavras que traduzem a Saudade, posso apresentar-lhe outras opiniões em contrario não menos ilustres, como as de Duarte Nunes, Garrett, Ribera y Rovira, Miguel de Unamuno, etc.

De resto, eu sei lá o sentido intimo d'essas palavras arrevesadas, doru, saknad, savn, saknaor, etc.!!! Eu não sei, nem o meu caro amigo! George Marsh gostou da Saudade e quiz presentear com ela os seus irmãos do norte...

Disio, [1] assim como *regret* [2] pouco têm que vêr com a Saudade. Esta nossa divina palavra, não me canço de repeti-lo, contém o sonho da nossa Raça, o seu intimo e transcendente mobil messianico e redemptor; por isso, ela é intraduzivel, *portuguesa*, e explica os nossos grandes acontecimentos historicos, a alma dos nossos grandes homens, e creará o nosso sonho do Futuro, uma Aspiração nacional que una os portugueses d'aquem e d'alem-mar.

Eu creio n'um destino messianico da minha Raça, e sinto, por isso, a Saudade. Que me seja permitido este orgulho nascido da leitura das cantigas do Povo e da contemplação da montanha e do rio e dos outeiros da minha terra natal. Eu sei o que a Saudade encerra, isso que só nos pertence a nós colectivamente:—Um sentido amoroso das cousas e dos sêres, da Vida, emfim, sentido mistico e terreno, que, trabalhado pelas almas eleitas, se tornará a Razão superior da nossa Patria, a sua grandeza futura,—grandeza moral, pelo menos.

A proposito ainda da Saudade, Antonio Sergio atira á minha humilde pessoa, que não é mais n'este mundo (pobre d'ela!) que um vago murmurio de anciedade, com grandes nomes estrangeiros. Não sei porque motivo. Que tem a Saudade que vêr com Homero ou Marconi?

O meu caro Antonio Sergio ama a chalaça; a Europa deu-lhe scepticismo de mistura com electricidade e carvão de pedra...

As suas palavras *modernistas* são aviadoras; pairam, portanto, sobre as cousas, sem pousar...

Desça, desça um pouco á alma da sua Raça,—que o meu amigo é capaz de a sentir admiravelmente. Verá então como ela, dentro do seu caracter original, é capaz de crear uma obra mesmo para além dos tempos de hoje, escuros e dolorosos tempos de transição.

Por maior que seja o ruido da Materia, a Humanidade não pode deixar de ouvir a voz da Alma; tal facto seria o seu suicidio.

Se o mundo é suportavel, meu caro amigo, é porque sobre a

[1] E pronti sono al trapassar del rio
Ché da divina giustezia gli sprana
Si che la tema se volge in *disio*.

Se os vês ter pressa de transpôr o rio
E' que o espinho da culpa cada um sente,
E o seu terror se muda em *desvario*.

Trad. de Domingos Ennes (Inferno, canto III).

[2] ... désir mêlé de regret, la *Saudade*... Philéas Lebesgue *(Mercure,* n.º 339, pag. 645).

sua bruta dureza impassivel, repousa o afago etereo do Sonho divino... gesto de belêsa abençoando a Vida...

O comercio, a industria, a sciencia, a navegação, etc., devem estar ao serviço da Alma, como as pernas e os braços do homem estão ao serviço do seu pensamento e da sua vontade.

A nossa crise é, sobretudo, de naturesa moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso. E' preciso que o português se torne um sêr animado, que resurja d'esta mortal apatia, por meio d'uma saudavel educação de acôrdo com o genio da sua Raça.

E' preciso que o Povo, sintetisado n'uma *élite*, encontre n'ela os seus instinctos rácicos convertidos em conscientes ideias definidas orientadoras d'uma nova acção politica e social. E é necessario que d'essa *élite* ou d'esse povo, surja o homem que saiba condensar o sonho em realidade, que saiba transformar a sêde em agua que se beba...

Veja, meu caro, na Belgica, as grandes questões literarias sobre se ha ou não uma *alma belga!*

Veja, na França, a orientação dos novos. Veja o culto que eles prestam á velha e heroica alma francesa!

Leu o discurso de Poincaré na casa do comercio, de Londres? Ele afirmou ahi que um Povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao seu passado.

E o meu caro amigo deseja eliminar Camões! Que loucura! Uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos. Do contrario, será uma sombra apagada, um *ninguem*, n'este mundo. Para *agir*, é preciso *ser* antes de tudo.

Resumindo: A Saudade, como ela é hoje compreendida, não é mais que a Saudade de Camões, do Povo, de Bernardim, a converter-se em consciencia poetica e filosofica. Representa, portanto, a raça lusitana na sua expressão subjectiva; é o seu intimo perfil eterno e original. O povo português creou um sentimento susceptivel de se tornar um alto criterio orientador. A palavra Saudade não encontra em outras linguas (salva a excepção apontada) um vocabulo correspondente.

A Saudade é nossa, como Apolo é da Grecia, e Jeovah da Palestina.

N'ela e por ela resurgiremos da morte.

Se a *lembrança* é a sua alma, o *desejo*, a *esperança* é a carne e o sangue vivo do seu corpo. Tem uma face voltada para o Passado e outra voltada para o Futuro.

A sombra do que passou, amanhece nos seus olhos: é a luz do novo Dia...

Hotel Mary Castro
17 de setembro

Teixeira de Pascoaes.

BEIJO ETERNO

Quando ela chama em voz quasi que extinta
Meu nome, e, trémula de enleio e graça,
Oferta a boca duma rósea tinta
Fina como o rebordo duma taça,

Não ha sêde de amôr que então não sinta,
Meu beijo os nossos lábios ultrapassa,
Beijo outra bòca etérea e mal distinta,
Todo o Universo, ébrio de amôr, me enlaça.

E é nestes versos, tanto, o meu desejo
Que eu sinto-os desmaiar no mesmo enleio
Com o profundo travo desse beijo.

Ei-la cativa, eterna de Beleza!...
Quero beija-la? Tomo os versos, leio
E sinto à minha a sua boca preza!

EM LOUVÔR DO CHAILE

Quando emfim, meu Amôr, a gente possa,
Volvido, sabe Deus, quanto desgosto,
Viver juntinhos numa casa nossa,
Tudo por tuas mãos tão bem composto,

Que bom será que, ao vir de fóra, eu te ouça
Vir à porta esperar-me e, como eu gosto,
Com esse chaile que o teu ar adoça
E que tão bem azado é ao teu rosto.

Ao vêr-me corres, vens a mim direita
E o chaile de tal modo se te ageita
Que cada ponta erguida é uma aza;

Abraças-me voando e eu vou contigo...
E tu, meu santo, meu melhor abrigo,
Serás o mesmo Ceu dentro da Casa.

1910

UM E OUTRO

A Deodoro Leucht

Não havia motivo para que ella procurasse aquella ligação, não havia razão para que a mantivesse. O Freitas a enfarava um pouco, é verdade. Os seus habitos quasi conjugaes; o modo de tratal-a como sua mulher; os rodeios de que se servia para alludir á vida das outras raparigas; as precauções que tomava para enganal-a; a sua linguagem sempre escoimada de termos de calão ou duvidosos; emfim, aquelle ar burguez da vida que levava, aquella regularidade, aquelle equilibrio davam-lhe a impressão de estar cumprindo pena.

Isto era bem verdade, mas não a absolvia perante ella mesma de estar enganando o homem que lhe dava tudo, que educava sua filha, que a mantinha como senhora, com o *chauffeur* do automovel em que passeava duas vezes ou mais por semana. Porque não procurara *outro* mais decente? A sua razão desejava bem isso; mas o seu instincto a tinha levado para ali.

A bem dizer, ella não gostava de homem, mas de homens; as exigencias de sua imaginação, mais do que as de sua carne, eram para a polyandria. A vida a fizera assim e não havia de ser agora, ao roçar os cincoenta, que havia de corrigir-se. Ao lembrar-se de sua idade, olhou-se um pouco no espelho e viu que uma ruga teimosa começava a surgir no canto de um dos olhos. Era preciso a massagem... Examinou-se melhor Estava de corpinho. O cóllo era ainda opulento, unido; o pescoço repouzava bem sobre elle e ambos, cóllo e pescoço, se ajustavam sem saliencias nem depressões.

Teve satisfação de sua carne; teve orgulho mesmo. Ha quanto tempo ella resistia aos estragos do tempo e ao desejo dos homens? Não estava moça, mas se sentia ainda apetitosa. Quantos a provaram? Ella não podia sequer avaliar o numero approximado. Passavam por sua lembrança numerosas physionomias. Muitas ella não fixára bem na memoria e surgiam-lhe na recordação como cousas vagas, sombras, pareciam espiritos. Lembrava-se ás vezes de um gesto, ás vezes de uma phrase deste ou daquelle sem se lembrar dos seus traços; recordava-se ás vezes da roupa sem se recordar da pessoa. Era curioso que de certos que a conheceram uma unica noite e se foram para sempre, ella se lembrasse bem; e de outros que se demoraram, tivesse uma imagem apagada.

Os vestigios da sua primitiva educação religiosa e os moldes da honestidade commum subiram á sua consciencia. Seria peccado aquella sua vida? Iria para o Inferno? Viu um instante o seu inferno de estampa popular: as labaredas muito rubras, as almas

mergulhadas nellas e os diabos, com uns garfos enormes, a obrigar os penitentes a soffrerem o supplicio.

Haveria isso mesmo ou a morte seria...? A sombra da morte offuscou-lhe o pensamento. Já não era tanto o inferno que lhe vinha aos olhos; era a morte só, o aniquilamento do seu corpo, da sua pessoa, o horror horrivel da sepultura fria.

Isto lhe pareceu uma injustiça. Que as vagabundas communs morressem, vá! Que as criadas morressem vá! Ella, porém, ella que tivera tantos amantes ricos; ella que causara rixas, suicidios e assassinatos, morrer, era uma iniquidade sem nome! Não era uma mulher commum, ella, a Lola, a Lola desejada por tantos homens; a Lola, amante do Freitas, que gastava mais de um conto de reis por mez nas cousas triviais da casa, não podia nem devia morrer. Houve então nella um assomo intimo de revolta contra o destino implacavel.

Agarrou a blusa, ia vestil-a, mas reparou que faltava um botão. Lembrou-se de prega-lo, mas immediatamente lhe veiu a invencivel repugnancia que sempre tivera pelo trabalho manual. Quiz chamar a criada: mas seria demorar. Lançou mão de alfinetes.

Acabou de vestir-se, pôz o chapéo, e olhou um pouco os moveis. Eram caros, eram bons. Restava-lhe esse consolo: morreria, mas morreria no luxo, tendo nascido em uma cabana. Como eram differentes os dous momentos! Ao nascer, até aos vinte e tantos annos, mal tinha onde descançar após as labutas domesticas. Quando casada, o marido vinha suado dos trabalhos do campo e, mal lavados, deitavam-se. Como era differente agora? Qual! Não seria capaz de supportal-o mais... Como é que poude?

Seguiu-se a emigração... Como foi que veiu até ali, até aquella cumiada de que se orgulhava? Não apanhava bem o encadeiamento. Apanhava alguns termos da serie; como porém se ligaram, como se ajustaram para fazel-a subir de criada á amante opulenta do Freitas, não comprehendia bem. Houve oscillações, houve desvios. Uma vez mesmo quasi se viu embrulhada numa questão de furto; mas, após tantos annos, a ascenção parecia-lhe gloriosa e rectilinea. Deu os ultimos toques no chapéo, concertou o cabello na nuca, abriu o quarto e foi á sala de jantar.

—Maria onde está a Mercedes? perguntou.

Mercedes era a sua filha, filha de sua união legal, que orçava pelos vinte e poucos annos. Nascera no Brazil, dous annos após a sua chegada, um antes de abandonar o marido. A criada correu logo a attender a patrôa:

—Está no quintal conversando com Aida, patrôa.

Maria era a sua copeira e Aida a lavadeira; no trem de sua casa, havia tres criadas e ella, a antiga criada, gostava de lembrar-se do numero das que tinha agora, para avaliar o progresso que fizera na vida.

Não insistiu mais em perguntar pela filha e recommendou:

—Vou sair. Fecha bem a porta da rua... Toma cuidado com os ladrões.

Abotoou as luvas, concertou a physionomia e pisou a calçada com um imponente ar de grande dama sob o seu caro chapéo de plumas brancas,

A rua dava-lhe mais força de physionomia, mais consciencia della mesma. Como se sentia estar no seu reino, na região em que era rainha e imperatriz. O olhar cubiçoso dos homens e o de inveja das mulheres acabavam o sentimento de sua personalidade, exaltavam-no até. Dirigiu-se para a rua do Cattete com o seu passo meudo e solido. Era manhã e, embora andassemos pelo meiado do anno, o sol era forte como se já verão fosse. No caminho trocou cumprimentos com as raparigas pobres de uma casa de comodos da visinhança.

—Bom dia, *madama*.

—Bom dia.

E debaixo dos olhares maravilhados das pobres raparigas, ella continuou o seu caminho, arrepanhando a saia, satisfeita que nem uma duqueza, atravessando os seus dominios.

O *rendez-vous* era para uma hora; tinha tempo, portanto, de dar umas voltas á cidade. Precisava mesmo que o Freitas lhe desse uma quantia maior. Já lhe falara a respeito pela manhã, quando elle saiu e tinha que buscal-a ao escriptorio delle.

Tencionava comprar um mimo e offerecel-o ao "chauffeur„ do *seu* Pope, o seu ultimo amôr, o ente sobrehumano que ella via coado atravez da belleza daquelle "carro„ negro, arrogante, insolente, cortando a multidão das ruas orgulhoso como um Deus.

Na imaginação, ambos, "chauffeur„ e "carro„, não os podia separar um do outro; e a sua imagem dos dous era uma unica de suprema belleza, tendo a seu dispor a força e a velocidade do vento.

Tomou o bonde. Não reparou nos companheiros de viagem; em nenhum, ella sentiu uma alma; em nenhum, ella sentiu um semelhante. Todo o seu pensamento era para o "chauffeur„ e o "carro„. O automovel, aquella magnifica machina, que passava pelas ruas que nem um triumphador, era bem a belleza do homem que o guiava; e, quando ella o tinha nos braços, não era bem elle quem a abraçava, era a belleza daquella machina que punha nella ebriedade, sonho e a alegria singular da velocidade. Não havia como aos sabbados em que ella, recostada ás almofadas amplas percorria as ruas da cidade, concentrava os olhares e todos invejavam mais o carro que ella, a força que se continha nelle e o arrojo que o "chauffeur„ moderava. A vida de centenas de miseraveis, de tristes e mendicantes sujeitos que andavam a pé, estava ao dispôr de uma simples e imperceptivel volta no guidão; e o motorista, aquelle motorista que ella beijava, que ella acariciava, era como uma divindade que dispuzesse de humildes seres deste triste e desgraçado planeta.

Em tal instante, ella se sentia vingada do desdem com que a cobriam, e orgulhosa de sua vida.

Entre ambos, "carro„ e "chauffeur„, ella estabelecia um laço

necessario, não só entre as imagens respectivas como entre os objectos. O "carro" era como os membros do outro e os dous completavam-se numa representação interna, maravilhosa de elegancia, de belleza, de vida, de insolencia, de orgulho e força.

O bonde continuava a andar. Vinha jogando pelas ruas em fóra, tilintando, parando aqui e ali. Passavam carroças, passavam carros, passavam automoveis. O delle não passaria certamente. Era de "garage" e saía unicamente para certos e determinados freguezes que só passeiavam á tarde ou escolhiam-no para a volta das duas, alta noite. O bonde chegou á praça da Gloria. Aquelle trecho da cidade tem um ar de photographia, como que houve nelle uma preoccupação de vista, de effeito de perspectiva; e agradava-lhe. O bonde corria agora ao lado do mar. A bahia estava calma, os horizontes eram limpidos e os barcos a vapôr quebravam a harmonia da paisagem.

A marinha pede sempre o barco á vela; elle como que nasceu do mar, é sua creação; o barco a vapor é um grosseiro engenho demasiado humano, sem relação com ella. A sua brutalidade a violenta.

A Lola, porém, não se demorou em olhar o mar, nem o horizonte; a natureza lhe era completamente indifferente e não fez nenhuma reflexão sobre o trecho que a via passar. Considerou dessa vez os visinhos. Todos lhe pareciam detestaveis. Tinham um ar de pouco dinheiro e regularidade sexual abominavel. Que gente!

O bonde passou pela frente do Passeio Publico e o seu pensamento fixou-se um instante no chapéo que tencionava comprar. Ficar-lhe-ia bem? Seria mais bello que o da Lucia, amante do Adão "Turco"? Saltava de uma probabilidade para outra, quando lhe veiu desviar da preoccupação a passagem de um automovel. Pareceu ser elle, o "chauffeur". Qual! Num "taxi"? Não era possivel. Afugentou o pensamento e o bonde continuou. Enfrentou o "Theatro Municipal". Olhou-lhe as columnas, os dourados; achou-o bonito, bonito como uma mulher cheia de atavios. Na Avenida, ajustou o passo, concertou a physionomia, arrepanhou a saia com a mão esquerda e partiu ruas em fóra com um ar de grande dama sob o enorme chapéo de plumas brancas.

Nas occasiões em que precisava falar ao Freitas no escriptorio, ella tinha por habito ficar num *restaurant* proximo e mandar chamal-o por um caixeiro. Assim elle lhe recommendava e assim ella fazia, convencida como estava de que as razões com que o Freitas lhe justificara esse procedimento, eram solidas e procedentes. Não ficava bem ao alto commercio de commissões e consignações que as damas fossem procurar os representantes delle nos respectivos escriptorios; e, se bem que o Freitas fosse um simples caixa da casa Antunes, Costa & C.ª, uma visita como a della poderia tirar de tão poderosa firma a fama de solidez e abalar-lhe o credito na clientela.

A hespanhola ficou, portanto, proximo e, emquanto esperava o amante, pediu uma limonada e olhou a rua. Naquella hora, a rua

1.º de Março tinha o seu pesado transito habitual de grandes carroções pejados de mercadorias. O movimento quasi se cingia a homens; e se, de quando em quando, passava uma mulher, vinha num bando de estrangeiros recentemente desembarcados.

Se passava um destes, Lola tinha um imperceptivel sorriso de mófa. Que gente? Que magras? Onde é que foram descobrir aquella magreza de mulher? Tinha como certo que, na Inglaterra, não havia mulheres bonitas nem homens elegantes.

Num dado momento, alguem passou que lhe fez crispar a physionomia. Era a Rita. Onde ia áquella hora? Não lhe foi dado ver bem o vestuario della, mas viu o chapéo, cuja "plereuse" lhe pareceu mais cara que a do seu. Como é que arranjara aquillo? Como é que havia homens que dessem tal luxo a uma mulher daquellas? Uma mulata...

O seu desgosto socegou com essa verificação e ficou possuida de um contentamento de victoria. A sociedade regular dera-lhe a arma infallivel...

Freitas chegou afinal e, como convinha á sua posição e á magestade do alto commercio, veiu em collete e sem chapéo. Os dous se encontraram muito casualmente, sem nenhum movimento, palavra, gesto ou olhar de ternura.

—Não trouxeste Mercedes? perguntou elle.

—Não... Fazia muito sol...

O amante sentou-se e ella o examinou um momento. Não era bonito, muito menos sympathico. Desde muito verificara isso; agora, porém, descobrira o maximo defeito da sua physionomia. Estava no olhar, um olhar sempre o mesmo, fixo, esbugalhado, sem mutações e variações de luz. Elle pediu cerveja, ella perguntou:

—Arranjaste?

Tratava-se de dinheiro e o seu orgulho de homem do commercio que sempre se julga rico ou ás portas da riqueza, ficou um pouco ferido com a pergunta da amante.

—Não havia difficuldade... Era só vir ao escriptorio... Mais que fosse..

Lola suspeitava que não lhe fosse tão facil assim, mas nada disse. Explorava habilmente aquella sua ostentação de dinheiro, farejava "qualquer coisa" e já tomára as suas precauções.

Veio a cerveja e ambos, na meza do *restaurant*, fizeram um numeroso esforço para conversar. O amante fazia-lhe perguntas: *vaes á modista? saes hoje á tarde?*—ella respondia: *sim, não.* Passou de novo a Rita. Lola aproveitou o momento e disse:

—Lá vai aquella "negra".

—Quem?

—A Rita.

—A Ritinha!... Está agora com o "Louro", *croupier,* do "Emporium".

E em seguida accrescentou:

—Está muito bem.

—Pudera! Ha homens muito porcos.

—Pois olha: acho-a bem bonita.

—Não precisavas dizer-me. E's como os outros... Ainda ha quem se sacrifique por vocês.

Era seu habito sempre procurar na conversa caminho para mostrar-se arrufada e dar a entender ao amante que ella se sacrificava vivendo com elle. Freitas não acreditava muito nesse sacrificio, mas não queria romper com ella, porque a sua ligação causava nas rodas de confeitarias, de pensões *chics* e jogo muito successo. Muito celebre e conhecida, com quasi vinte annos de "vida activa", o seu "collage" com a Lola que se não fôra bella, fôra sempre tentadora e provocante, punha a sua pessoa em fóco e garantia-lhe um certo prestigio sobre as outras mulheres.

Vendo-a arrufada, o amante fingiu-se arrependido do que dissera, e vieram a despedir-se com palavras ternas.

Ella saíu contente com o dinheiro na carteira. Havia dito ao Freitas que se destinava a uma filha que estava na Hespanha; mas a verdade era que mais de metade seria empregada na compra de um presente para o seu motorista amado. Subiu a rua do Ouvidor, parando pelas montras das casas de joias. Que havia de ser? Um annel? Já lhe havia dado. Uma corrente? Tambem já lhe dera uma. Parou numa *vitrine* e viu uma cigarreira. Sympathizou com o objecto. Parecia caro e era offuscante: ouro e pedrarias—uma cousa de mau gosto evidente. Achou-a maravilhosa, entrou e comprou-a sem discutir.

Encaminhou-se para o bonde cheia de satisfação. Aquelles presentes como que o prendiam mais a ella; como que o ligavam eternamente á sua carne e o faziam entrar no seu sangue.

A sua paixão pelo "chauffeur" durava havia seis mezes e encontravam-se pelas bandas da Candelaria, em uma casa discreta e limpa, bem frequentada, cheia de precauções para que os frequentadores não se vissem.

Faltava pouco para o encontro e ella aborrecia-se esperando o bonde conveniente. Havia mais impaciencia nella que atrazo no horario. O vehiculo chegou em boa hora e Lola tomou-o cheia de ardôr e de desejo. Havia uma semana que ella não se encontrava com o motorista. A ultima vez em que se avistaram, nada de mais intimo lhe pudera dizer. Freitas, ao contrario do costume, passeava com ella; e só lhe fóra dado vel-o soberbo, todo de branco, *casquete*, sentado á almofada, com o busto erecto, a guiar maravilhosamente o carro lustroso, brilhante, cuja nickelagem areiada faiscava como prata nova.

Marcara-lhe aquelle *rendez-vous* com muita saudade e vontade de vel-o e agradecer-lhe a immaterial satisfação que a machina lhe dava. Dentro daquelle bonde vulgar, um instante, ella teve novamente diante dos olhos o automovel orgulhoso, sentiu a sua trepidação, indicio de sua força, e o viu deslisar, silencioso, severo, resoluto e insolente, pelas ruas em fora, dominado pela mão dextra do "chauffeur" que ella amavava.

Logo ao chegar, perguntou á dona da casa se o José estava.

Soube que chegara mais cedo e já fôra para o quarto. Não se demorou muito conversando com a patrôa e correu ao aposento.

De facto, José lá estava. Fosse calôr, fosse vontade de ganhar tempo, o certo é que já havia tirado de cima de si o principal vestuario. Assim que a viu entrar, sem se erguer da cama, disse:

—Pensei que não viesses.

—O bonde custou muito a chegar, meu amôr.

Descançou a bolsa, tirou o chapéo com ambas as mãos e foi direita á cama. Sentou-se na borda, cravou o olhar no rosto grosseiro e vulgar do motorista; e, após um instante de contemplação, debruçou-se e beijou-o, com volupia, demoradamente.

O "chauffeur„ não retribuiu a caricia; elle as julgava desnecessarias naquelle instante. Nelle, o amôr não tinha prefacios, nem epilogos; o assumpto ataca-se logo. Ella não o concebia assim: residuos da profissão e o sincero desejo daquelle homem faziam-na carinhosa.

Sem beijal-o, sentada á borda da cama, esteve um momento a olhar enternecida a má e forte catadura do "chauffeur„. José começava a impacientar-se com aquellas filigranas. Não comprehendia taes rodeios que lhe pareciam ridiculos.

—Despe-te!

Aquella impaciencia agradava-lhe e ella quiz saboreal-a mais. Levantou-se sem pressa, começou a desabotoar-se de vagar, parou e disse com meiguice:

—Trago-te uma cousa.

—Que é? fez elle logo.

—Adivinha!

—Dize lá de uma vez.

Lola procurou a bolsa, abriu-a de vagar e de lá retirou a cigarreira. Foi até ao leito e entregou-a ao "chauffeur„. Os olhos do homem incendiaram-se de cupidez: e os da mulher, ao vel-o satisfeito, ficaram humidos de contentamento.

Continuou a despir-se e, emquanto isto, elle não deixava de apalpar, de abrir e fechar a cigarreira que recebera. Descalçava os sapatos quando o José lhe perguntou com a sua voz dura e imperiosa:

—Tens passeiado muito no "Pope„?

—Deves saber que não. Não o tenho mandado buscar, e tu sabes que só saio no *teu*.

—Não estou mais nelle.

—Como?

—Saí da casa... Ando agora num *taxi*.

Quando o "chauffeur„ lhe disse isso, Lola quasi desmaiou; a sensação que teve foi de receber uma pancada na cabeça.

Pois então, aquelle Deus, aquelle dominador, aquelle supremo individuo descera a guiar um taxi sujo, chocalhante, mal pintado, desses que parecem feitos de folha de Flandres! Então elle? Então... E aquella abundante belleza do automovel de luxo que tão alta ella via nelle, em um instante, em um segundo, de todo se

esvaiu. Havia internamente, entre as duas imagens, um nexo que lhe parecia indissoluvel e o brusco rompimento perturbou-lhe completamente a representação mental e emocional daquelle homem.

Não era mais o mesmo, não era o semi-deus, elle que estava ali presente; era outro ou antes era elle degradado, mutilado, horrendamente mutilado. Guiando um *taxi*... Meu Deus!

O seu desejo era ir-se, mas, ao lhe vir esse pensamento, o José perguntou:

—Vens ou não vens?

Quiz pretextar qualquer cousa para saír; teve medo, porém, do seu orgulho masculino, do despeito de seu desejo offendido.

Deitou-se a seu lado com muita repugnancia, e pela ultima vez.

Todos os Santos (Rio de Janeiro), Março de 1913.

Lima Barreto

PRIMAVERA SELVAGEM

Eis-nos em pleno vortice do ermo!
Desde o cairel dos longes horisontes
Ao recesso da matta umbrosa e virgem,
Ouve-se a paz serena do Nirvana!
Casam-se aqui, num gigantesco amplexo,
Dois infinitos:—o ermo e o céo azul.
Vaguemos pela selva.
Arfam as frondes.
Murmuros rios pelas veigas correm.
Quanta quietude pelas rudes serras,
Na serena mudez dos longos valles,
Nas brumosas, folhudas capoeiras:
A primavera vae vestindo tudo:
Rebenta a flôr no bosque, e em toda varzea;
Pelas galhadas pendem mil corymbos,
Em que os bandos de abelhas vão roçando
A zumbir, fabricando o doce mel.

Descem do monte, a arfar com as têtas cheias,
As nedias vaccas, balançando as caudas,
As aguas dos regatos se desdobram
Esfervilhando entre os limosos seixos;
Coalha-se o sol de um tapiz de flôres,
E em baixo das ramadas rumurosas
Caem as folhas sobre os leitos frios.
Passam na encosta em pares venturosos,
Os rudes namorados, que lá descem
Pelo invio atalho da vereda escura,
A beber junto à fonte a argentea lympha.
Os lobregos vergeis e as quietas luras
Que digam quanto idylio dulçuroso
Ali se passa á sombra das devezas!...

Eis salta agora, do alcantil nas fragas,
A onça esguia, cautelosa e lesta,
Que entre os galhos subtil se insinuando,
Vem, junto á fonte, a espiar pelas clareiras,
Até que emfim surpreende o ameno idylio
De preguiçosos, descuidados faunos...
E após um ronco, e um urro prolongado,
Lá jaz a preza entre felinos dentes!

Correm os dias longos e calmosos,
Claros, azues, subtis e transparentes,
Repletos do alvo canto das cigarras,
Banhados pela famosa luz do sol.
O grande mundo, inquieto, além renasce;
O amor une os insectos; brotam troncos;
Sobem quentes bafejos pela terra,
Com o brando cheiro de folhagens crúas.
Entre as sebes, viçosas e tapadas,
Pulam, sibilam, correm mil insectos;
Os lindos sabiás saltando cantam,
Trila no valle a lesta seriêma,
E além, no descampado, as êmas correm.

Ha na terra um arrepio de volupia,
E o homem sente renascer-lhe a vida.

Depois das frescas noites silenciosas,
Vêm as manhãs risonhas e divinas,
Cheias de trinos de aves buliçosas,
Banhadas sempre de abundante orvalho.
Eis surgem rumurosas e festivas,
Com mil feixes de luz pelas alturas
Com rumores de azas e gorgeios,
Coando n'alma infindas esperanças.

Tudo reçuma vida e alacridade:
A floresta, banhada pelo dia,
Desata a longa cabelleira escura
E abre o seio aos affagos ardorosos
Do sol qual fervoroso e ardente amante.
Vôam brincando as grandes borboletas,
Quaes de pincel chinez aladas flores.
E ao tumido explodir das quentes seivas,
Sobem do prado aromas voluptuosos,
E acorda a natureza alvoroçada!...
E agora a tarde cahe, lenta e saudosa,
Com leves tons de oiro polvilhando
As tristonhas lombadas das collinas.
Nos cerros, como um vesperal concerto
Saudando a luz que no horisonte foge,
Canta o canario, a patativa geme,
Arrulha a juriti, no espesso bosque,
E a araponga no azul os sinos tange,
Sopra ligeiro vento pela terra,
E as folhagens de manso se arripiam.

Como um Calvario gigantesco e rubro,
Vae morrendo na serra o claro sol...

Resoando entre invisiveis campanarios
Paira no ambiente a musica do Angelus...

E o homem, junto ao ermo, nestas horas,
Com a mente a divagar por entre sonhos,
Na aza veloz da excelsa fantazia
Parece diluir-se em vagos extasis!
E o espirito, albatroz de rijas azas,
Arrojando-se aos paramos do Empyrio,
Longe da Terra, além do Soffrimento,
Vae pairando no azul sereno e puro,
Nas doces regiões do Incognoscivel,
Como uma pomba luminosa e casta!

Rio de Janeiro, 1913.

(Dos "Oasis", no prelo).

Luidolpho Lavor

ESTUDOS

De Soares dos Reis

O PROBLEMA DO MILAGRE

A **noção** vulgar de milagre apresenta-o como um acontecimento em oposição com as leis da naturesa.

Essa mesma noção tem, todavia, sob este primeiro aspecto, uma realidade um pouco diferente. E' miraculoso o fenomeno conhecido, que excede a nossa espectativa, muito principalmente quando tal acontece em proveito nosso.

E' neste excesso que reside a virtude do milagre.

Analisêmos, pois, a qualidade deste excesso.

A nossa espectativa é a atitude resultante da adaptação ao meio em que vivêmos. Essa atitude representa a conclusão dum longo trabalho das forças profundas da vida e da educação individual e social. E' uma atitude subsistente e bem garantida por seculares esforço victoriosos.

Dirige a nossa actividade entre o agir dos fenomenos, que nos cercam. Ora estes fenomenos produzem-se dentro dum determinismo, que permite prevêr o *resultado* das suas combinações.

A capacidade teleologica do seu livre agir tem um limite mais ou menos conhecido.

D'aí a admiração especial, no caso dum excesso teleologico da nossa espectativa, que em nós produziria um *fenomeno novo* compreensivel como consequencia de fenomenos familiares. E' a admiração profundamente emotiva perante um excesso de capacidade teleologica, que nos beneficia ou prejudica.

Não é preciso que as chamadas leis da naturesa sejam desrespeitadas para que haja um milagre, basta que os fenomenos naturaes se enlacem de molde a *aparecer* uma inesperada harmonia.

E' o aparecimento deste excesso de capacidade teleologica dos fenomenos que, por não sêr habitual, toma o aspecto estranho de contrario ás leis naturaes.

Quer o milagre seja uma revogação das leis naturaes, quer um excesso teleologico dos fenomenos, seria preciso conhecer integralmente os fenomenos, ou a naturesa, para se poder aquilatar da virtude miraculosa de qualquer acontecimento.

Por tal motivo vão os milagres evoluindo ao par do progresso no conhecimento da naturesa. [1]

A produção fonografica excede a capacidade teleologica da materia vulgar e, por isso, é o fonografo miraculoso antes que se conheça a acustica e a anterior inscrição fonografica, que foi a teleologia realmente implicada no fenomeno. Não poderiamos nada

[1] Naturesa é aqui o *conjunto* de percepção actuaes e possiveis de que a elaboração posterior ha de tirar a realidademsistema de noções.

dizer sobre a possibilidade ou impossibilidade do milagre, se não fôra o principio da continuidade a permitir a passagem ao limite. Não é possivel o Universo com realidades virtuais sem laço com as realidades actuais e guardadas para se actualisarem *arbitrariamente* num arbitrario momento. Se as realidades todas se relacionam, em cada fisionomia do Universo entra o conjuncto dos elementos fisionomicos. O principio da continuidade levando ao limite a fuga do milagre perante o progresso scientifico irá demonstrar a impossibilidade do milagre?

E' o que pretendem todos os filosofos que transcendem, em nú, os simples resultados do empirismo. Mas estes não o podem fazer porque não demonstraram a integral supressão do excesso teleologico sobre a capacidade natural. Não demonstraram os seus limites, em biologia sobretudo, e nem sequer analisaram o excesso psiquico, cujo papel, no problema, é primacial.

Só as filosofias dogmaticas se poderia pronunciar sobre o milagre, e, destas teriamos de excluir as que partem de postulados, para só atendermos uma filosofia critica, que partisse das condições da experiencia. Só o kantismo se poderia pronunciar sobre a absoluta impossibilidade do milagre no plano do fenomeno, mas tal filosofia para logo anula a sua decisão com o reconhecimento do plano noumenal, de pura liberdade.

Será então possivel o milagre?

Conservêmos-lhe o seu comum sentido de excesso teleologico e podêmos dizer que o milagre é não só possivel, mas até a propria fonte do Sêr. Os casos menos interessantes seriam ainda os casos de aparente desrespeito pelas leis naturais, como, por exemplo, as levitações, etc.

Estes casos seriam apenas interessantes para mostrarem a efectividade de pensamento no plano do mundo fisico, se tal efectividade não estivesse, de sobejo, demonstrada [1] nos fenomenos de histerismo, onde vai das modificações funcionais até ás modificações anatomicas. Fóra disso eram reductiveis a novas forças de ordem fisica, etc.

Um plano mecanico é preciso a toda a ação, pois é a sua garantia e o seu ponto de apoio. O nosso mundo fisico é, por assim dizer, um plano mecanico para a nossa estatura ou ritmo. Mais ou menos é precisa a sua estabilidade para a nossa ação, sem que isto implique a impossibilidade de outros sêres, de outra estatura moral, nele cortarem a sua ação sobre a estabilidade do seu plano mecanico, etc.

Por isso os casos interessantes começam, quando nos encontramos em pleno mundo psiquico e moral. Aí são tão possiveis os milagres que representam o proprio crescimento moral. Uma alma excede-se, crescendo em liberdade, que é a maior capacidade de

[1] E a causa não póde ser fisica porque o ciclo é "pensamento—ação fisica" e não "ação fisica—pensamento—ação fisica". E ainda aqui teriamos o incompreensivel epifenomenismo.

harmonia e belesa. Uma alma diminue-se, fragmentando-se em dispersão e hostilidade. Uma atenção benefica concentra-a? Ei-la que se excede em capacidade teleologica. Um histerico paralitico readquire a sinergica actividade dos seus membros por uma concentração da atenção dispersa.

Uma creatura pode, em certas condições, adquirir a posse duma lingua desconhecida. E', nos casos minimos, a demonstração duma subconsciencia, que guarda conhecimentos perdidos para a consciencia central, que nunca os possuira. Esta subconsciencia é dum benefico providencialismo, pois guarda o que a consciencia central perderia. O recurso a esta subconsciencia (que, de resto, é ainda de inexgotaveis horisontes) permitirá sempre um excesso de vida moral.

E serão mais limitados os horisontes da consciencia central? Não haverá, em nós, como uma hiperconsciencia, quando colocamos o centro de gravidade da nossa vida moral no esforço duma pura fraternidade?

O coração pessoal, quando se acorda com o espirito da raça, não é capaz de extraordinarios excessos? Não haverá lances em que a voz humana atinge notas de suprema certesa? Quando, em Alfarrobeira, aqueles labios de lealdade perfeita se despedem do corpo, não vêmos como a entreaberta de dous mundos, a noite a diluir-se em aurora, a materia a esfumar-se em espirito?

Ha, sim, um infinito moral para o qual se pode esforçar a consciencia e onde, permanentemente e sempre, pode beber a energia, que, em continuo excesso a erga, e sublime.

Leonardo Coimbra

BIBLIOGRAFIA

Elegias „ por *Teixeira de Pascoaes.* — Edição da " Renascença Portuguesa „ — 1 vol. 300 reis.

O nome de Teixeira de Pascoaes é, por si, o mais alto elogio das suas obras.

Firmou-se absolutamente nos ultimos livros — *Vida Etherea, Sombras* e *Regresso ao Paraizo.*

Estas obras, plenas de Beleza, levantam inconfundivelmente a extremada individualidade do Artista.

E, no entretanto, as *Elegias* são ainda um capitulo novo da sua Arte — retalhos de alma a viver formas eternas — que abrem na phisionomia do Poeta vincos extranhos d'uma nova e superiosissima emoção.

E' que n'este poema ha uma razão de dôr tecida das raizes intimas que ligam o grande Poeta ao motivo das Elegias — a morte de uma creança querida.

A sua dôr em vez de arrefecer "ao tomar a expressão verbal „ como supõe no Prefacio, exalta-se, e é no delirio da exaltação que se resolve em Arte, directamente, naturalmente, tal como o leitor a recebe, viva, eterna de Saudade.

Eis, em sumario, a razão porque na obra de Pascoaes estimamos muito especialmente as *Elegias.*

Na verdade iguala n'este livro os versos mais emocionados dos seus Poemas.

Por vezes parece que é a propria dôr, harmonica de razões intimas e misteriosas quem lhos orquestra.

A Dôr foi sempre o motivo supremo da Arte. Mas raramente, como no presente livro, ela comociona tão alta e fundamente um artista.

Repetimos: — não necessita de ser encarecida perante o publico a obra firmada por este Poeta, que forma ao lado dos grandes poetas contemporaneos.

O nome de Teixeira de Pascoaes por si se basta, e ás obras que subscreve.

Demais neste livro não ha motivo de preferencias.

Todas as poesias — plasticas do que ha de belo na Dôr — se revelam como expressão de um esteta, excepcional, humana e divinameute sensibilisado.

Unicamente a titulo de ilustração da presente noticia, daremos, para a fechar o formosissimo soneto — *Depois da Vida.*

Abriu-se ao acaso a pagina que o insere.

E' como segue:

DEPOIS DA VIDA

Quando meu coração parar desfeito
Em sombra, na profunda sepultura,
E o meu ser já phantastico e perfeito,
Vaguear entre o infinito e a terra dura;

Quando eu sentir, emfim, todo o meu peito,
A transformar-se em constelada Altura;
Eu, divino Phantasma, o claro Eleito,
O Enviado da Vida á Morte escura;

Quando eu fôr para mim minha esperança,
Meu proprio amor jámais anoitecido,
E minha sombra apenas fôr lembrança;

Quando eu fôr um Espectro de Saudade,
Entre o luar e a nevoa amanhecido,
Serei comtigo, Amor, na Eternidade.

"O GENIO PORTUGUÊS" na sua expressão filosofica, poetica e religiosa, por *Teixeira de Pascoaes*. — Edição da "Renascença Portuguesa" — 1 vol. 200 reis.

Mais uma expressão, e notavel, do talento de Teixeira de Pascoais é a sua feição de conferente.

Desde muito que a sua philosophia vem sendo notada pela alta revelação que importa á Raça, de que o grande Poeta é uma alta e inconfundivel figura.

Neste opusculo está o Poeta e o Philosopho. E' uma synthese do seu pensamento dirigente, — que mau grado todas as guerras que lhe têm movido — vale como afirmação rara dum notavel espirito.

Pode discordar-se incidentemente de um ou outro ponto da conferencia. Valerá sempre no mais das suas paginas, de que nos apraz citar, a titulo de exemplo, a analyse de alguns vocabulos portugueses e a distinção entre o *Saudosismo e o Simbolismo francês* — passagens bem vincadas, de uma singular observação e brilho.

Tal, em resumo, não a critica, mas a impressão que nos deixou a leitura do ultimo e magnifico trabalho de Teixeira de Pascoaes.

"CAMILLO INEDITO" — Prefacio e notações do *Visconde de Villa-Moura* — Edição da "Renascença Portuguesa" — 1 vol. 500 reis.

Eis uma obra d'um raro valor! Que alvoroço ela deve ter causado em todos os espiritos que amam o grande Mestre! N'aquelas paginas coligidas por esse admiravel e estranho artista que é Villa-Moura, Camillo aparece-nos Inedito e mais ainda, — intimo.

As suas cartas explicam a tragedia moral do sublime escritôr, fazendo uma nova luz n'aquela noite tempestuosa, constelada de risos — que foi a sua alma!

No prefacio de Villa-Moura, a figura-phantasma do Solitario de Seide, é um lugubre desenho genial, que se casa admiravelmente com a obra do nosso maior romancista.

Por tudo isto o "Camillo Inedito" representa um grande acontecimento literario, já agora tão singularmente discutido.

"MISSA PROFANA" por *Justino de Montalvão.*

Foi com o maior interesse que principiamos e concluimos a leitura d'esta nova obra de Justino de Montalvão, o consagrado autor dos "Destinos". Atravez de todas as paginas, esplendentes de ritmo e côr, canta uma alma enamorada da Carne.

As expressões materiaes da Vida seduzem este belo escritôr, um ébrio de sol para esquecer as preocupações do Além...

Eis por que este seu novo livro é um cantico a Roma, a Méca do deus Fauno.

Justino de Montalvão é um temperamento exclusivamente pagão. O seu sentir é iluminado e definido, e o Reino Animal é o seu reino. A sua palavra não responde a toda a interrogação da esphinge, mas o que ela traduz entusiasma-nos e vibra d'um belo esfôrço victorioso.

Não compreendemos a Vida como este ilustre escritôr. A vida de que ele nos fala é para nós um ponto de partida, não um fim, mas tal cousa não obsta a que prestemos, n'estas ligeiras palavras, entusiastica homenagem á sua *Missa Profana* que vem augmentar ainda o renome do celebrado escritôr.

"CANTO PRIMAVERIL" — Poemas por *Carlos Maul* — 1 vol.

A Patria admiravel de Olavo Bilac e Coelho Neto, dois nomes que fazem a gloria d'uma literatura, encontra-se material e espiritualmente num belo periodo de fecunda actividade renovadora.

Carlos Maul pertence aos Novos que, em terras irmãs do Brazil, cantam uma nova vida de espiritual esforço victorioso. O *claro sol amigo dos heroes* incendeia-lhe a imaginação inspirada que ergue à Vida, n'este seu novo livro, sinceros cantos de amor que fortalecem a alma de quem os lê. E' que no Brazil a exuberancia das cousas e dos sêres transmite-se á creatura humana, que não pode ficar indiferente ante as estranhas e grandiosas paisagens da America. A America é o Futuro. A Musa dos seus poetas é a Esperança.

Por isso, os seus cantos são viçosas flores enviadas a esta velha terra de Portugal, nocturna da epica sombra do Passado.

Ao jovem e querido poeta os nossos agradecimentos.

"PASSIONS & SOMNIS" e "AURORA" (esparses amoroses) — por *Joan Malagarriga* Barcelona — 1 vol.

Falamos atraz d'um Povo irmão; pois Joan Malagarriga pertence à outro Povo que é tambem do nosso sangue e do nosso espirito.

A Catalunha é um Portugal mediterraneo, e Portugal é uma Catalunha atlantica. Impõe-se tambem a mais estreita união entre estes dois Povos da Iberia. Só as obras do espirito a poderão realisar. Não ha diplomacias que valham uma palavra saida d'alma. Joan Malagarriga é um jovem poeta catalão, mas um poeta de raça e mais ainda da sua raça. O seu culto pela lingua patria e, portanto, pela genuinidade do espirito nacional, que o afasta de preciosismos exoticos e imitações estrangeiras, fazem d'ele um novo poeta digno de todos os louvôres. A alma da Catalunha, essa alma admiravel que tanto glorificou a civilisação mediterranea, encontrará certamente, n'este poeta, um dos seus mais belos representantes.

Agradecemos reconhecidos a offerta das suas obras.

LETTRES PORTUGAISES

. . . .

Maintes fois déjà, nous avons eu l'occasion de signaler les tentatives généreuses d'instaurer la foi nationale, qui ont préparé l'avènement de la République et qui doivent se développer, prendre corps, entrer dans l'action pratique si la République veut vivre.

Ainsi pensent les initiateurs de la société *Renascença Portuguesa* dont nous avons récemment analysé les tendances et mentionné les efforts. Jusqu'ici ce mouvement nous a surtout révélé des poètes épris de mysticisme patrial.

"Le moment actuel, énonce l'un des mieux doués d'entre eux, Jayme "Cortesâo, peut être appelé l'heure de l'Infant; il est signalé par la révélation de "l'Esprit de la Race devenu enfin conscient et créant la poésie religieuse "portugaise."

Pour Teixeira de Pascoaes, il s'agit expressément d'une religion nouvelle, génératrice d'un nouvel Art, d'une nouvelle philosophie, d'un nouvel état social.

Nous n'avons pas à apprécier ici quelle peut être la portée immédiate d'une telle doctrine; il doit nous suffire d'indiquer la part de nouveauté qu'elle apporte dans les réalisations esthétiques et spécialement littéraire de la génération contemporaine.

Il est certain qu'elle s'oppose au cosmopolitisme qui permet l'éclosion des fruits rares sans rapport direct avec le milieu, tels que l'art exquis d'Eça de Queiroz en communiqua le goût.

. . . .

Jayme Cortesâo ne se borne pas à étudier sagement le contour des figures ou des paysages qu'il prétend reproduire; frénétiquement, son rêve étreint les choses, ausculte les âmes, interroge les destins, fouille les gouffres de la vie. Il lui faut un art visionnaire, chaotique, exalté, qui communie avec le monde et qui épouse les énergies secrètes de la terre. Une atmosphère tragique baigne son livre de contes: **En deçà et au delà de la mort,** livre de poète où l'auteur témoigne d'une extraordinaire puissance d'évocation, par exemple dans *le Fantôme du Pendu,* dont le thème est pourtant moins neuf qu'il ne voudrait paraître, et surtout dans *la Mort de la paralytique,* qui est bien près d'être un chef-d'œuvre. *L'Incendie dans le char des morts* pousse peut-être quelque peu à l'excès la note macabre; mais l'intérêt ne faiblit pes un seul instant et, quant au *Psychoscope,* il révèle des dons supérieurs qui appellent le souvenir de Camillo.

L'âme de Jayme Cortesâo est fille ou sœur des montagnes abruptes qu'il a si fortement célébrées dans les sept chants héroïques de **la Mort de l'Aigle,** tout pleins d'un souffle analogue à celui qui tressaille à travers l'*Atlantide* de Jacinto Verdaguer. Dans *la Vie héroïque,* dans *la Tempête,* le poète trouve des accents que ne connut guère jusqu'ici la poésie portugaise et dont l'âpreté déconcerte sans doute quelque peu ses compatriotes.

L'âme nostalgique qui habite le paysage portugais s'est mystérieusement

révélée à Mario Beirâo, dont la lyre connaît les modulations les plus suaves. Les voix les plus intimes de la solitude lui sont familières; à travers le silence il entend la plainte du Passé s'enchevêtrer aux mélancolies du Présent. Dans le rêve de ce poète, qui intitule son recueil **Le Dernier des fils de Lusus,** le Paysage se transfigure et se transmue en prière, en mystique oraison. On aimera relire *les Feux, les Lieux déserts, Cintra, Coïmbra* et maints sonnets disséminés à travers le volume, d'une grande pureté de sentiment.

L'art de Mario Beirâo n'est pas sans quelque parenté étroite avec celui de Teixeira de Pascoaes: mais l'auteur de *Maranos* est plus essenciellement subjectif, et la nature ne l'envahit point; il la force d'épouser les fictions métaphysiques de son esprit. Dans **Le Fou et la mort,** il prend le ton prophétique et semble un barde d'Irlande descendu vers la Serra d'Estrella. Il y a là des vers d'une étrange force verbale, tout frémissants de "cette sempiternelle présence spirituelle qui domine les ténèbres„ et qui palpite sous l'énigme des apparences. Teixeira de Pascoaes est le poète de la *Saudade,* et il semble s'être défini lui-même quand il écrit:

> Mon chant dit aux morts: Ressuscitez!
> Et les voilà qui ressuscitent. Il dit aux choses:
> Brutes: "Aimez, pleurez!„ Et les voilà qui pleurent.

Ses récentes *Elégies* affirment un retour vers la suavité de sa première manière. Ce sont des vers mouillés de larmes écrits sur un tombeau d'enfant, dans toute la ferveur des regrets dont le cœur saigne. La forme ici est simple et pure, sans heurts ni excès d'images. C'est une tendresse qui parle, et cela résonne plus avant dans l'âme que bien des orchestres compliqués. Le poète ne devait point publier ce livre; une pieuse pensée de charité l'y détermina; il a voulu que le produit de la vente fût offert à la souscription Gomes Leal.

Trop peu de place nous reste pour analyser comme il conviendrait le beau poème d'A. Corrêa d'Oliveira: *Vie et histoire de l'Arbre,* qui est un hymne incomparable à la Vie et au Verbe animateur de toutes choses. Force nous est de remettre êgalement à plus tard les *Dictons du peuple,* écrin précieux de quatrains où la sagesse populaire se fleurit de pur lyrisme portugais.

. . . .

(Do "Mercure de France„, n.o 390).

Philéas Lebesgue

RENASCENÇA PORTUGUESA

SÓCIOS EFECTIVOS EXISTENTES EM 20 DE MAIO DE 1913

Aarão de Lacerda (Pôrto)
Adelino Flores Pinheiro (Pôrto)
Adriano Gomes Pimenta (Pôrto)
Afonso Lopes Vieira (Lisboa)
Afonso Mota Guedes (Coimbra)
Albano Duque (Figueira da Foz)
Albano N. de Sousa (Pôrto)
Alberto Costa Mano (Rio de Janeiro)
Alberto de Sousa Magalhães (Pôrto)
Alberto Feliz de Carvalho (Coimbra)
Alberto Lopes da Silva (Pôrto)
Alberto Nunes de Sá (Rio de Janeiro)
Alberto Paulo d'Azeredo Araujo Osorio (Pôrto)
Alberto Rocha Brito (Coimbra)
Alberto Saavedra (Pôrto)
Albino Valadas (Rio de Janeiro)
Alcibíades de Barros (Pôrto)
Alexandre Reis (Rio de Janeiro)
Alfredo Augusto Cepeda (Pôrto)
Alfredo C. de Magalhães (Pôrto)
Alfredo Faustino de Andrade (Pôrto)
Alfredo Fonseca (Rio de Janeiro)
Álvaro de Magalhães Coutinho (Rio de Janeiro)
Álvaro Pereira Teixeira de Vasconcelos (Amarante)
Álvaro Pinto (Pôrto)
Amândio A. Costa Guimarãis (Pôrto)
Américo Angelo (Pôrto)
Américo Teixeira (Pôrto)
Angelo Vaz (Pôrto)
Angelo Vidal (Pôrto)
Anibal Brou (Pôrto)
Anibal de Azevedo (Pôrto)
Anibal de Morais (Pôrto)
Antero Carreiro de Freitas (Coimbra)
Antero de Figueiredo (Pôrto)
António Augusto Correia (Alijó)
António Augusto Correia Pessoa (Pôrto)
António Augusto Cortesão (Coimbra)
António Augusto Teixeira de Vasconcelos (Torres Vedras)
António Barradas (Pôrto)
António Bomfim Barreiros (Pôrto)
António Cerqueira Coimbra (Amarante)
António Correia de Oliveira (Espozende)
António Correia de Souza (Rio Tinto)
António Dias Pimentel (Pôrto)
António Dias Guimarães (Pôrto)
António do Couto Soares Júnior (Pôrto)
António dos Santos Carneiro (Rio de Janeiro)
A. dos Santos Graça (Póvoa do Varzim)
António Fernandes da Silva (Pôrto)
António Gonçalves Pinheiro (Pôrto)
António Joaquim Rezende (Pardilhó)
António J. Machado do Lago Cerqueira (Amarante)
António José Antunes (Rio de Janeiro)
António José Adriano Rodrigues (Gaia)
António Maria de Miranda Vasconcelos (Pôrto)
António M. da Fonseca (Pôrto)
António Ribeiro Seixas (Pôrto)
António Rigaud Nogueira (Pôrto)
António Rodrigues Monteiro (Pôrto)
António Rodrigues Anes (Pôrto)
António Santos (Pôrto)
António Sérgio (Lisboa)
António da Silva e Souza Torres (Pôrto)
António Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia)
Aristides Cruz (Rio de Janeiro)
Armando C. Duarte Melo (Evora)
Armando Gomes Almeida e Silva (Pôrto)
Armando Marques Guedes (Pôrto)
Armindo Pinheiro Landureza (Rio de Janeiro)
Arquimedes Coelho (Rio de Janeiro)
Artur da Costa Oliveira (Pôrto)
Artur Botelho (Pôrto)
Artur Caldeira Scévola (Pôrto)
Artur Carlos de Barros Basto (Pôrto)
Augusto Casanova Pinto (Pôrto)
Augusto Casimiro (Coimbra)
Augusto Malheiro Dias (Pôrto)
Augusto Martins (Pôrto)
Augusto Nobre (Pôrto)
Augusto Santa Rita (Lisboa)
Aurélio da Paz dos Reis (Pôrto)
Barbosa Gama (Pôrto)
Bernardino C. Azevedo Vareta (Pôrto)
Bernardo José Figueiredo (Rio de Janeiro)
Camilo Cortesão (Pôrto)
Centro Comercial (Pôrto)
César Rodrigues (Pôrto)
Costa Macedo (Rio de Janeiro)
Costa Santos (Amarante)
Crisóstomo Cardoso (Rio de Janeiro)
Cristiano de Carvalho (Pôrto)
Custódio José de Sousa Machado (Pôrto)
D. Ema Teixeira (Pôrto)
D. Francisca Buarque de Macedo (Rio de Janeiro)
Diogo Pacheco de Amorim (Coimbra)
Domingos Pereira (Lisbôa)

Eduardo da Fonseca Júnior (Pôrto)
Eduardo J. Barreto (Pôrto)
Eduardo Paiva e Pona (Pôrto)
Emerenciano Baptista (Pôrto)
Fausto Pereira Lage (Pôrto)
Fernando Moutinho (Pôrto)
Fernando Pessôa (Lisboa)
Francisco Delfim de Carvalho Magalhães (Pôrto)
Francisco Graça (Rio de Janeiro)
Francisco Martins de Oliveira Santos (Pôrto)
Francisco Nazaré (Coimbra)
Francisco Xavier Esteves (Pôrto)
Guerra Junqueiro (Berne)
Henrique d'Assunção (Pôrto)
Henrique C. Meireles Kendal (Pôrto)
Henrique Coimbra (Pôrto)
Henrique Sant'Anna (Pôrto)
Hernani Barrosa (Pôrto)
Hermano de Medeiros (Rio de Janeiro)
Ilidio Teixeira Bastos (Pôrto)
J. A. da Silva Ribeiro (Pôrto)
Jacinto Magalhães (Povoa do Lanhoso)
Jaime Cortesão (Pôrto)
Jaime Ferreira de Azevedo (Rio de Janeiro)
J. H. Seabra (Rio de Janeiro)
J. Monteiro (Pôrto)
J. Nunes da Rocha (Pôrto)
Joaquim Carregal (Pôrto)
Joaquim Carvalheiro (Rio de Janeiro)
Joaquim Carvalho (Coimbra)
Joaquim Ferreira Alves (Pôrto)
Joaquim Ferreira Pinto (Rio de Janeiro)
João António Antão (Pórto)
João Baptista Ferreira (Pôrto)
João de Deus Ramos (Coimbra)
João Lemos (Rio de Janeiro)
João Pereira Teixeira de Vasconcelos (Amarante)
João Rodrigues de Sequeira (Rio de Janeiro)
João Teixeira Direito (Santo Tirso)
José de Almeida Carvalho (Pôrto)
José Boaventura Féria (Pôrto)
José Cardoso Lopes (Rio de Janeiro)
José Carneiro Geraldes (Pôrto)
José Correia da Silva (Rio de Janeiro)
José Duarte Martins (Rio de Janeiro)
José de Magalhães (Lisboa)
José Esteves Fraga (Pôrto)
José Guedes (Pôrto).
José Joaquim Pereira Osorio (Pôrto)
José Joaquim Rodrigues dos Santos (Pôrto)
José Júlio Nogueira Soares (Coimbra)
José Luís Veiga da Fonseca (Pôrto)
José Machado do Lago Cerqueira (Amarante)
José Maria Pereira (Pôrto)
José Meireles (Pôrto)
José Monteiro da Silva (Amarante)
José Monteiro Pereira Carvalhal (Amarante)
José Teixeira Rego (Matosinhos)
José Varela Lopes (Coimbra)
José Viana Correia (Pôrto)
Júlio Costa (Pôrto)
Justino Cruz (Braga)
Laurentino Pereira Coelho (Lisboa)
Laurindo Mendes (Pôrto)
Leandro de Morais (Pôrto)
Leonardo Coimbra (Póvoa do Varzim)
Leopoldo José Mourão (Pôrto)
Luciano Moura (Ermezinde)
Luís da Camara Reis (Lisboa)
Luís Ferreira Alves (Pôrto)
Luís de Almeida Campos (Pôrto)
Luís F. Baptista (Pôrto)
Luís Frederico de Almeida Botelho (Pôrto)
Luís Mira Feio (Beja)
Luís Viana (Rio de Janeiro)
Magalhães Lemos (Pôrto)
Mário de Morais Afonso (Pôrto)
Mário Veiga da Silva (Rio de Janeiro)
Manuel Augusto Teixeira de Assis (Braga)
Manoel Alberto da Costa (Pôrto)
Manuel Avelino Pinto Braga (Pôrto)
Manuel da Costa Lima (Pôrto)
Manuel Domingues dos Santos (Pôrto)
Manuel Faria de Carvalho (Braga)
Manuel J. da Costa Junior (Pôrto)
Manuel Monteiro (Braga)
Manuel Pinto Ferreira (Pôrto)
Manuel Rodrigues Laranjeira (Rio de Janeiro)
Miguel Guimarães Pestana (Pôrto)
Moura Bastos (Amarante)
Miguel Cerqueira Coimbra (Amarante)
Norberto Zagalo Ilharco (Pôrto)
Paulo de Brito (Pôrto)
Paulo Marcelino (Pôrto)
Pedro Duarte da Costa (Pôrto)
Raimundo de Macedo (Pôrto)
Raul Doria (Pôrto)
Raul Larose Rocha (Pôrto)
Raul Pereira (Rio de Janeiro)
Raul Proença (Paço de Arcos)
Ricardo Jorge, Filho (Lisboa)
Ricardo Seabra Moura (Rio de Janeiro)
Rodrigo L. Abreu Lima (Viana do Castelo)
Rómulo de Oliveira (Pôrto)
Rui E. Santiago Rocha (Pôrto)
Sílvio Pélico L. Ferreira Neto (Coimbra)
Teixeira de Pascoais (Amarante)
Tomás Alvim (Fafe)
Veiga Simõis (Arganil)
Victor Augusto Dourado (Pôrto)
Virgílio Angelo (Pôrto)
Visconde de Vila Moura (Ancêde)